

MAC Paraná apresenta:



67°

Salão

Paranaense

de Arte

Contemporânea

na web, na rua, no museu

ANDRE DAMIAO BIANCA MADRUGA BRUNO MORENO
CLAUDIA LARA DAVI CAVALCANTE DIOGO DUDA
DIEGO CRUX E GIAN SPINA EDUARDA CAMARGO
ELIANA BRASIL ELIAS DE ANDRADE ESTEVAO DA
FONTOURA GIOVANA VESPA GUILHERME JACCON
GUSTAVO CABOCO KARINA DAS OLIVEIRAS KARKARÁ
TUNGA JESSICA MADONA MANOELA CAVALINHO
MARCELA LINS E GUILHERME BENZAQUEN MARIA
MACÊDO MATHEUS MONTANARI MOARA TUPINAMBÁ
RAFAEL RIBEIRO ROGÉRIO VIEIRA TRAPLEV TUANE
EGGERS VULCANICA POKAROPA

2022

No museu, na rua, na web

O Salão Paranaense de Arte Contemporânea, o prêmio de arte mais longevo no Brasil, chega à sua 67ª edição completamente reformulado pelo MAC Paraná. Por meio de novas diretrizes atentas aos debates contemporâneos e atravessando todos os desafios que a pandemia ofereceu à concepção do evento, a atual edição do Salão reúne potentes trabalhos de artistas de todo o território nacional. Ao todo foram 1.810 inscrições e 27 propostas premiadas.

Atuando em frentes híbridas para a apresentação desses artistas, o público poderá ter contato com as obras de forma virtual e presencial em três diferentes espaços: aqui no próprio museu, nos espaços públicos da cidade com uma programação de performances e intervenções urbanas, e na internet, através de uma mostra virtual no site do MAC Paraná.

Outra novidade da edição foi o revisionismo profundo das políticas de acervo e aquisição do MAC Paraná com a reformulação de quatro categorias do edital de seleção, visando especialmente a ampliação de representatividades de raça e gênero entre artistas premiados.

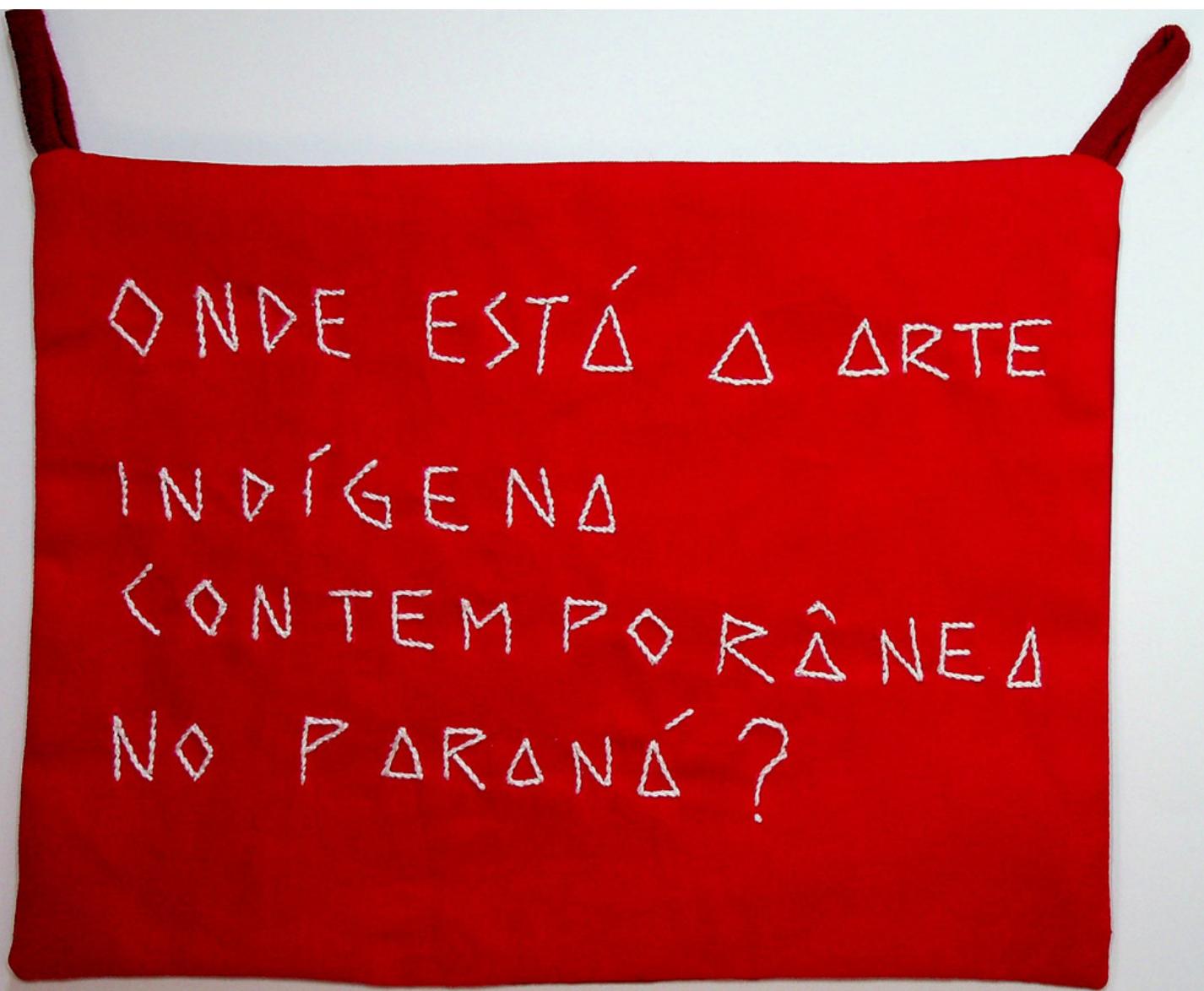
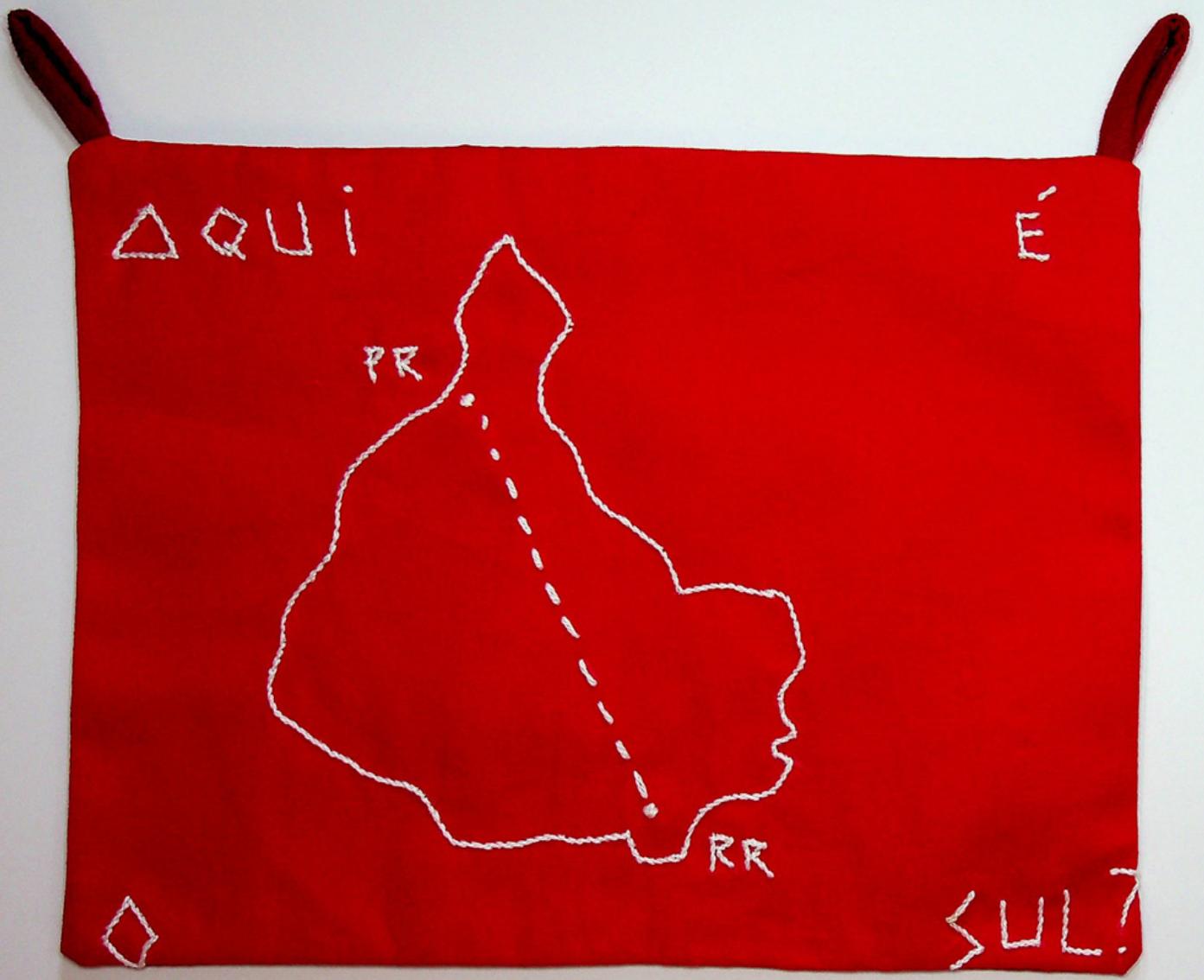
Além disso, a edição 67 do Salão Paranaense contemplou trabalhos em arte digital, linguagem web arte e audiovisual que utilizam a web como interface, e dedicou uma categoria exclusiva a performances e intervenções urbanas, posicionando o Museu em contato íntimo e direto com a cidade, a arte fora dos espaços tradicionais da arte.

Como órgão público, o MAC Paraná entende que suas ações integram um plano estratégico maior de soluções para a cultura, reforçando o papel fundamental da arte na vida em sociedade. Vivemos um momento único, no qual não é possível produzir uma exposição que ignore o que está acontecendo ao redor. Nesse sentido, as novas diretrizes do museu apontam como sendo fundamental a realização de mostras que sejam não apenas visitáveis, mas também socialmente relevantes.

Aproveitem por completo a experiência do 67º Salão Paranaense de Arte Contemporânea – no museu, na rua e na web.

MAC Paraná

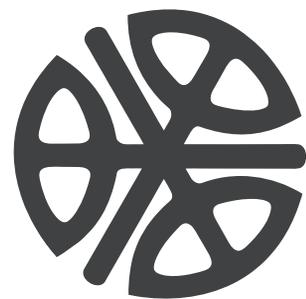




Com a intenção de compartilhar diferentes ferramentas de percepção sobre o contemporâneo, a curadoria do 67º Salão Paranaense apresenta um recorte da diversidade encontrada hoje nas práticas artísticas no Brasil. Se, por um lado, a singularidade de cada trabalho se sustenta e convoca o espectador a reagir ao aqui e agora, por outro, o rebatimento coletivo desses trabalhos na esfera pública articula a formação de novos públicos e, por consequência, potencializa a formulação de outros imaginários. Na passagem de espectadores-participantes para públicos-agentes encontra-se uma das principais contribuições deste Salão: a de manter ativa a capacidade política de afetar e ser afetado, ou seja, manter tanto o entusiasmo quanto a conversa crítica acontecendo. De modo mais específico, isso demonstra que as premissas sobre o que pode ser a arte hoje desenham-se como uma cartografia desenhada a giz, que incorpora o agenciamento do(s) público(s) e por isso se redesenhará a partir de agora com a presença de vocês.

Milla Jung



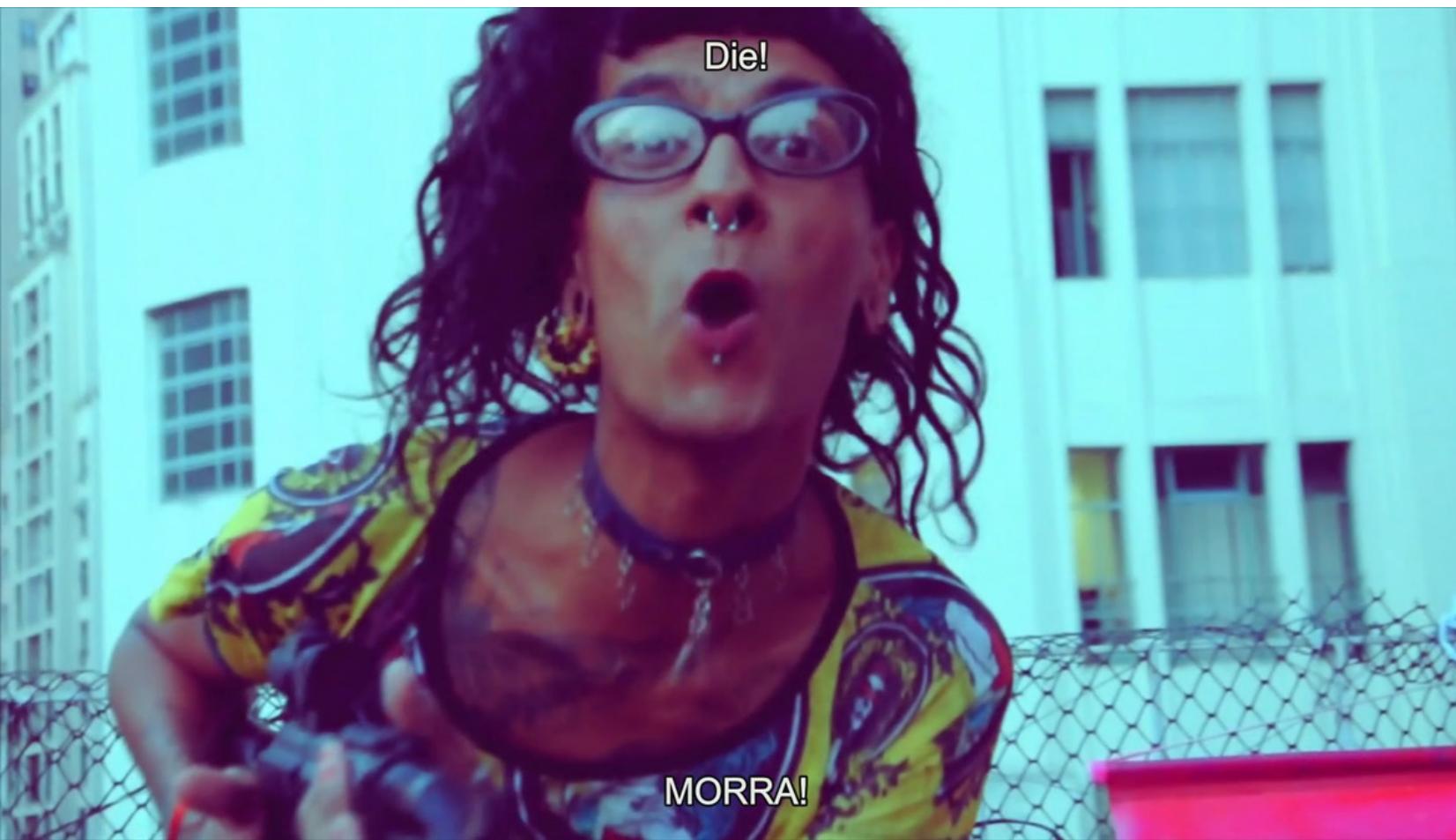


Estar no Salão atravessou questões para além das propostas, tanto do trabalho da curadoria quanto dos trabalhos que estão selecionados, que hoje parecem mais cotidianas pelo tempo já vivido de pandemia e das soluções para seguir vivendo. Conversamos, discutimos, trouxemos questões, nos conhecemos, concordamos, discordamos e construímos juntas, no tempo-espaço de computadores e celulares. Esses sim presentes. Cada artista, pessoa, detalhe teve a interlocução midiática para acontecer. E, aos poucos, as dinâmicas foram estimuladas na crença. Foi acreditar que a relevância desses momentos partilhados entre pessoas distantes em tantos aspectos poderia ser de aprendizado – e de saúde.

E nada foi impossível. Seguimos num movimento de uma saudade nova. Um gosto de saudade, que brota como grama. E colocar essa saudade como parte construtiva do Salão.

Este Salão, histórico por tantas razões, é uma entrega vital. Um dispositivo de resposta institucional, uma discussão de presença artística, um trabalho coletivo, um ato poético dentro de revoluções e implosões éticas e estéticas. E nesse processo, longo, talvez o mais longo até hoje, para que todas as pessoas possam viver e celebrar a presença desta exposição, destas obras e deste acervo a seguir com a saudade como parte ativa para o pensamento. Saudade do que não vivi e felicidade do que existe.

Keyna Eleison



Die!

MORRA!



Alive! in the Dead Sea.

Viva! Em pleno mar morto.

Hoje o museu vem sendo convocado a assumir a responsabilidade de seu comprometimento histórico com práticas e políticas de desconstituição e extração; a reconhecer sua contribuição na manutenção de dinâmicas e imaginários coloniais. Diante dessas exigências, cabe nos questionarmos se o museu tem efetivamente desenvolvido políticas de constituição do que foi destituído e está realmente comprometido com a tarefa de descolonização e desocidentalização de sua cultura e seu imaginário institucionais.

Do mesmo modo, devemos nos questionar o quanto “contar outras histórias” em exposições decoloniais tem postergado um efetivo questionamento sobre o papel crucial que tem essa instituição na seleção e no enquadramento de narrativas que compõem um projeto de poder normativo. Como “contar outras histórias” nos ajudaria a justificar a existência, a relevância e a permanência do museu no presente? Como “contar outras histórias” poderia ajudar a reimaginar o museu? Se o museu é uma instituição que se afirma historicamente a partir da violência e da barbárie, por que reafirmar o museu como um princípio de realidade incontestável? que estamos protegendo quando defendemos o museu? A tarefa de instaurar um outro museu é urgente e necessariamente coletiva e colaborativa. Nós, como membros da comunidade, trabalhadores e administradores de arte, temos a responsabilidade de traçar uma saída ou a implosão do museu como o conhecemos. O Salão Paranaense de Arte Contemporânea, em sua 67a edição, ao incorporar outros imaginários, parece sinalizar que talvez exista uma alternativa.

Fabrcia Jordão



FATO-INDUMENTO

e aí depois eu invadi a galeria de calcinha,
fiz um trabalho que eu coloco vários papéis assim...

Salvar o museu? A ideia de um Salão de Arte Contemporânea organizado por um museu que se propõe a pensar e repensar o seu papel no Brasil em 2022 é bastante complexa. Um dos papéis do salão e do museu passa pelo princípio de institucionalização de obras, artistas e demais agentes do meio. Há décadas que se mantém em pauta o debate e a disputa sobre as diversas narrativas históricas, artísticas, de comunidades e indivíduos, de modo a colocar em xeque o discurso hegemônico elaborado e mantido por aqueles aos quais a estrutura hierárquica da sociedade é favorável aos seus interesses e manutenção dos seus privilégios. O desejo revolucionário de reparação histórica ante as estruturas de poder e violência, quando posto em movimento por uma instituição como um museu, depara-se com muitos dilemas e pontos sensíveis. Os métodos de organização de um salão de arte são fundamentalmente problemáticos, excludentes, quando se espera obter um panorama da produção artística que contemple ao mesmo tempo o rigor poético nas discussões sobre as linguagens em questão, aliado ao desejo de obter uma amostragem mais ou menos justa da diversidade de propostas e, ao final de contas, de ideias sobre arte no país.

Tais dilemas requerem um esforço que está para além da superfície do que se “diz” comumente que as obras “dizem”. Aqui o termo superfície pode ser tomado como falta de substância, fragilidade. Mas depois, torna-se necessário pensar inclusive a importância das superfícies, agora como a parte à mostra do corpo das obras posto à vista. O desejo de lidar com essas superfícies, com aquilo que se mostra, liga-se não somente ao desejo de tomá-las como ponto de partida para a elaboração de discursos e narrativas, mas à busca de encontrar o ponto nas obras que apresentam seus fundamentos, princípios e estruturas. Uma organização cujo movimento de nascimento e desenvolvimento parece estar intimamente ligado àquilo que elas vieram a se tornar, àquilo que são, enfim. Interessa ao museu saber o que têm a dizer indivíduos e comunidades historicamente subalternizados? Pois, para não deixar passar a riqueza destes “dizeres”, é importante compreender que eles trazem, não raramente, uma proposta revolucionária de modos de vida, a partir do ponto em que vivem a vida tais indivíduos e comunidades. Desses outros lugares, vejo e desejo, não de vir novos sonhos.

Emanuel Monteiro

